

Introdução

O *Chuang Tse*¹ é o mais longo dos clássicos do taoísmo e, em conjunto com o *Tao Te King*², forma a base textual e filosófica da escola de pensamento taoista (道家, dào jiā). É uma colectânea de textos que a tradição atribui ou de algum modo associa ao escritor e filósofo Chuang Chou (莊周, Zhuāng Zhōu), que viveu no final do século IV a. C. e era conhecido, precisamente, como «Chuang Tse» (莊子, Zhuāngzǐ), ou seja, «o Mestre Chuang». Embora seja uma obra praticamente desconhecida no Ocidente, fora dos meios sinológicos, a maioria dos estudiosos considera-a superior, em quase todos os aspectos, ao muito mais conhecido *Tao Te King*.

A filosofia de Chuang Tse teve enorme influência na cultura da China e da Ásia Oriental. Tal como Lao Tse, suposto autor do *Tao Te King*, Chuang Tse entendia que a ordem social perfeita seria realizável se se deixasse cada um encontrar espontaneamente o seu caminho. A filosofia de Chuang Tse incita o indivíduo a encontrar por si próprio a felicidade interior; é o primeiro pensador chinês que constrói uma filosofia dirigida totalmente ao homem individual. Para Chuang Tse o que mais importa não é o modo como se deve governar o mundo, mas sim o modo de nos libertarmos das amarras mentais do pensamento convencional e da sujeição a uma moralidade social rígida.

Segundo os registos históricos de Semá Tchien (司馬遷, Sīmǎqiān), o mais notável historiador chinês da Antiguidade, datados dos séculos II e I a. C., Chuang Tse provinha de uma família dos estratos inferiores da aristocracia da cidade de Peng (蒙, Minh), no estado de Song (宋國, Sòngguó), em cuja administração terá ocupado um cargo administrativo menor. O rei Wei do estado de Chu terá tentado convencê-lo a aceitar o posto de primeiro-ministro. Mas o

1 Pronunciado em mandarim aproximadamente como Tchuang Tz ou Dxuang Tz.

2 Por uma questão de coerência, poder-se-ia ter optado por designar esta obra por *Tao Te Ching* (道德經, Dàodéjīng), que corresponde à pronúncia em mandarim, que se adoptou no resto da tradução. Preferiu-se manter a designação tradicionalmente utilizada em Portugal, que tem a sua origem na pronúncia no dialecto cantonense, usado em Macau.

filósofo, embora vivesse com meios muito modestos, recusou, por entender que os cargos de governo são fardos a que não é prudente meter ombros. Essa atitude fez com que os seus escritos fossem considerados pelos eruditos da época como ensaios essencialmente literários, e por isso, embora lhes reconhecessem erudição, qualidade e originalidade, de valor menor, porque irrelevantes para as grandes questões da coisa pública.

Só dois séculos mais tarde, por volta de 200 a. C., os eruditos chineses — então desiludidos da política —, começaram a ver em Chuang Tse um verdadeiro filósofo. Nessa época os textos de Chuang Tse começaram a ser associados aos de Lao Tse e a uma corrente filosófica taoista particular, que viria a ser denominada «Lao-Chuang» (老莊, Lǎo Zhuāng) e que corresponde ao que hoje se chama o «taoismo filosófico» (道家, dào jiā). A influência do taoismo filosófico foi essencial para o aparecimento do budismo Chan (禪宗, chán-zōng); este, por sua vez, é a origem histórica do budismo Zen do Japão.³

Chuang Tse viveu durante o chamado período dos Reinos Combatentes (475–221 a. C.), caracterizado por inúmeros conflitos entre os vários estados chineses, que disputavam o poder, depois de a casa reinante de Chou (周, Zhōu) ter perdido a sua autoridade. O estado de desarmonia social existente, que tinha minado os códigos morais e as instituições políticas da dinastia Chou, deu origem ao período mais criativo da filosofia chinesa, com o fenómeno das «cem escolas» (百家; bǎijiā), que consistiu no florescimento de muitas escolas de pensamento, cada uma das quais defendia uma estratégia diferente para remediar o estado das coisas. Segundo a tradição, os sábios de outrora teriam vivido de acordo com a Natureza e conheciam o Caminho — o Tao (道, dào) — mas os homens tinham-se afastado desse Caminho e sentiam-se agora inseguros quanto ao rumo a seguir. A pergunta que estava na ordem do dia era: «Qual é o Caminho (o Tao)?», ou seja, como é que se devia viver e como é que a China devia ser governada. Cada uma das escolas defendia o seu próprio Tao e as várias escolas filosóficas dialogavam e tinham debates vigorosos entre si.

Pensando e escrevendo neste contexto, não é de surpreender que Chuang Tse se tenha interessado pelas múltiplas correntes de pensamento da época. Como no *Chuang Tse* são consideradas e criticadas as teses defendidas por essas várias escolas, para compreender bem alguns dos textos⁴ é necessário ter uma noção dos debates de ideias que ocorriam entre os seus filósofos, assim como do caminho (Tao) que cada uma delas preconizava. Para ajudar o leitor na indispensável relação com o contexto, adicionou-se um anexo que recorda os aspectos mais relevantes das correntes de pensamento da época.⁵

3 O carácter Chán, 禪 (chán), que significa *meditação* e *contemplação*, é pronunciado como *zen* em japonês.

4 E, muitas vezes, também a sua ironia.

5 Ver «As escolas de pensamento do tempo de Chuang Tse».

O CHUANG TSE

Embora seja conhecido principalmente como obra-prima de filosofia, o *Chuang Tse* é também considerado uma das mais importantes obras literárias de toda a história chinesa e, nessa qualidade, influenciou significativamente muitas gerações de escritores chineses até ao presente.⁶ O seu prestígio na cultura chinesa, especialmente pelo seu brilhante jogo de palavras e uso de parábolas curtas, muitas vezes tingidas de humor e de ironia, não se confina aos círculos eruditos, taoistas e literários. Alguns dos textos do *Chuang Tse* estão na origem de provérbios chineses.

A versão actual da obra, que consta de 33 capítulos e cerca de 100 mil caracteres⁷, foi compilada e editada pelo filósofo Kuo Hsiang (郭象, Guō Xiàng, sécs. III e IV d. C.) a partir de um acervo disperso que tinha então 52 capítulos, com expurgo de apreciável número de textos que ele considerou apócrifos, de má qualidade ou sem interesse filosófico.

Acredita-se que alguns desses textos poderão estar hoje incluídos entre os do *Lié Tse* (列子, Lièzǐ), considerado a terceira grande fonte textual do taoísmo, e que compreende também alguns textos da versão actual do *Chuang Tse*. Por ter sido escrito em nome do Mestre Lié (sábio antigo mencionado no segundo parágrafo do primeiro capítulo do *Chuang Tse*, de quem se disse que conseguia «voar no vento»), chegou-se a pensar que se tratasse também de uma obra do período clássico. Tudo indica, porém, que o Lié Tse tenha sido compilado apenas no século III d. C.

Kuo Hsiang dividiu o texto em três partes, a que chamou «Capítulos Interiores» (內篇, nèi piān), «Capítulos Exteriores» (外篇, wài piān) e «Capítulos Diversos» (雜篇, zá piān), respectivamente com sete capítulos, quinze e onze. Nos Capítulos Interiores, reuniu os textos que lhe pareceram mais antigos e que entendeu que poderiam ter sido efectivamente escritos por Chuang Tse. Nos Capítulos Exteriores, reuniu textos que lhe pareceram terem sido escritos posteriormente pelos seus seguidores — aquilo a que depois se chamou a «Escola de Chuang Tse», embora não haja nenhum indício de ter existido uma escola organizada, mas apenas uma tradição de pensar e escrever inspirada na sua obra. Nos Capítulos Diversos, reuniu uma miscelânea de vários outros textos que lhe pareceram mais recentes.

6 Aliás, como Chuang Tse, na sua obra, critica o confucionismo, muitos confucionistas consideram-no essencialmente um escritor.

7 O *Tao Te King* tem cerca de 5 mil caracteres. (Embora a maioria dos linguistas insistam que se deve escrever e pronunciar o singular de *caracteres* como *carácter*, decidi usar a forma *caracter* pois é assim que o pronuncio, não gostando da grafia *caractere*, usada no português do Brasil.)



Nessa época, os textos mais importantes eram escritos em réguas de bambu atadas umas às outras, formando uma página flexível, que podia ser enrolada e assim guardada com maior facilidade.

Provavelmente, Chuang Tse escreveu alguns textos que foram depois combinados com escritos em que os discípulos registavam os ensinamentos do mestre e os juízos que faziam sobre eles. Só no século III a. C. os textos começaram a ser reunidos, gradualmente, numa obra mais integrada, composta por vários rolos escritos em seda ou já transcritos para réguas de bambu atadas entre si. Cada capítulo do *Chuang Tse* era originariamente um rolo desse tipo. Nessa época, só gente abastada tinha a possibilidade de contratar escribas treinados e adquirir os caros materiais de base necessários: barras de tinta prensada e réguas de bambu cuidadosamente tratadas e cortadas usando facas de talha fina. Provavelmente, terá sido algum estadista, aristocrata ou governante local quem ordenou a transcrição dos textos que hoje formam o *Chuang Tse*, acolhendo em sua casa mestres taoistas para ditarem os seus textos a um escriba experiente. Assim foi escrito também, segundo a tradição, o *Tao Te King*: tendo Lao Tse decidido emigrar para Oeste, o guarda-fronteira Yin Xi ter-lhe-á pedido que antes de partir ditasse a um escriba os seus ensinamentos.

A análise dos sinólogos modernos indicia que os textos que compõem o *Chuang Tse* foram escritos durante um período que vai do final do século IV ao século II a. C. Os Capítulos Interiores, que Kuo Hsiang acreditava terem sido efectivamente escritos por Chuang Tse, podem muito bem conter material de diferentes autores. Quanto aos Capítulos Exteriores, só alguns deles terão sido escritos pelos discípulos — os membros da chamada «Escola de Chuang Tse». Outros parecem ter sido escritos muito mais tarde, no final do

século III a. C., por um único autor, que é uso chamar *Primitivista* porque sustenta que o governo ideal foi o que os homens conheceram numa época primordial de paz e tranquilidade. Outros ainda, parecem expor uma filosofia intimamente relacionada com a escola Huang-Lao (黃老, Huáng-Lǎo), do início do século II a. C., cujo pensamento misturava ideias das escolas confucionista, taoísta e legalista. Finalmente, entre os Capítulos Diversos, há três que parecem ter sido escritos por autores que partilhavam algumas das ideias expostas no *Tao Te King*, mas combinadas com pontos de vista da escola yanguista, corrente de pensamento que seguia os ensinamentos do filósofo Yang Chu (楊朱, Yáng Zhū).

Tudo indica que o *Chuang Tse*, como aliás a maioria dos textos clássicos chineses, é uma antologia de textos escritos por diferentes autores e que, por isso, parece mais apropriado abordar o seu estudo e interpretação com base nos textos, e não nos seus autores desconhecidos, e analisar o modo como neles se abordam os principais temas associados à filosofia de Chuang Tse, de vários pontos de vista diferentes, mas que substancialmente se sobrepõem.

A presente tradução consta de duas partes. A primeira parte está estruturada com base nos textos dos Capítulos Interiores, os mais coerentes em termos estilísticos e filosóficos, inserindo entre eles alguns textos de outros capítulos, com tema idêntico ou afim e pontos de vista essencialmente coerentes com os daqueles. A segunda parte é uma compilação de textos de que transparecem pontos de vista um tanto divergentes, influenciados por outras fontes.

Cada um dos Capítulos Interiores é constituído por um conjunto de textos essencialmente homogêneo em termos de estilo e forma de pensar, e com um tema comum, que aparece enunciado num título de três caracteres:

— O capítulo I — *Vaguear livremente e sem amarras* (逍遙遊, Xiāoyáo-yóu) — fala da felicidade que sentimos quando nos libertamos de todos os preconceitos e normas de comportamento e nos limitamos a viver de acordo com a nossa natureza inata, aceitando, sem interferir, todas as transformações naturais;

— O capítulo II — *Ensaio sobre a equiparação das coisas* (齊物論, Qíwù Lùn) — é o mais importante em termos filosóficos. Nele são criticadas as ideias das várias escolas de pensamento da época e apresentadas de um modo mais explícito, em termos estilísticos e filosóficos, as teses fundamentais de Chuang Tse;

— O capítulo III — *Nutrir o Senhor da Vida* (養生主, Yǎng shēngzhǔ) — fala da mestria no nutrir da vida e diz que quem aceita com tranquilidade a inevitabilidade da morte sabe tirar melhor proveito da vida. Nele se recomenda que as acções não sejam comandadas pela mente, mas fruto da espontaneidade e da intuição naturais. Se forem estas a origem das nossas acções,